



CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC



**Cilene dos Santos Souza Silva
Josiel Canuto Silva**

**A SIMPLICIDADE DO CRISTIANISMO: Uma perspectiva de
Clive Staples Lewis**

**Pindamonhangaba - SP
2019**



CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC



**Cilene dos Santos Souza Silva
Josiel Canuto Silva**

**A SIMPLICIDADE DO CRISTIANISMO: Uma perspectiva de
Clive Staples Lewis**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Bacharel em Teologia pelo Curso de Teologia da Fundação Universitária Vida Cristã de Pindamonhangaba - UNIFUNVIC.

Orientador: Prof. Dr. Alan Ricardo de Souza Araújo

**Pindamonhangaba - SP
2019**

Silva, Cilene dos Santos Souza; Silva, Josiel Canuto

A simplicidade do cristianismo: Uma perspectiva de Clive Staples Lewis / Cilene dos Santos Souza Silva ; Josiel Canuto Silva / Pindamonhangaba -SP : UniFUNVIC Centro Universitário Funvic, 2019.
26f.

Monografia (Graduação em Teologia) UniFUNVIC – SP.

Orientador: Prof. Dr. Alan Ricardo de Souza Araújo.

1 Cristianismo. 2 Moral. 3 Homem. 4 C.S. Lewis. 5 Simplicidade. I A simplicidade do cristianismo: Uma perspectiva de Clive Staples Lewis. II Cilene dos Santos Souza Silva ; Josiel Canuto Silva.



CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC



**Cilene dos Santos Souza Silva
Josiel Canuto Silva**

A SIMPLICIDADE DO CRISTIANISMO: Uma perspectiva de Clive Staples Lewis

Monografia apresentado como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Bacharel em Teologia pelo Curso de Teologia da Fundação Universitária Vida Cristã de Pindamonhangaba - UNIFUNVIC.

Orientador: Prof. Dr. Alan Ricardo de Souza Araújo

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____

Centro Universitário UniFUNVIC

Assinatura _____

Prof. _____

Centro Universitário UniFUNVIC

Assinatura _____

Prof. _____

Centro Universitário UniFUNVIC

Assinatura _____

RESUMO

Esta monografia, sob o título “A simplicidade do Cristianismo: uma perspectiva de Clive Staples Lewis”, tem o objetivo de discutir, como o cristianismo está ao alcance de todos, de forma clara e simples. Porém, devido à cultura, constrói-se barreiras para seu alcance. No decorrer deste trabalho, explanaremos brevemente a percepção do certo e do errado para a humanidade - uma lei moral que é comandada por um legislador moral, preocupado com a conduta humana. Em contraste com o dualismo e o materialismo, o teísmo cristão declara que Deus criou um mundo bom, mas em decorrência da distorção da bondade surgiu o mau. Sendo assim, o cristianismo declara às pessoas que elas devem se arrepender dos seus atos maus e entregar todo o seu ego para Cristo, a fim de que Ele possa moldá-lo. Assim, moldado em Cristo, uma nova espécie de ser humano surge, com uma nova vida. Esta nova vida que começa com Ele é posta dentro de nós. Este trabalho foi realizado através de leituras de artigos científicos e revisões bibliográficas do autor que sucinta o assunto.

Palavras-chave: Cristianismo. Moral. Homem. C.S. Lewis. Simplicidade.

ABSTRACT

This monograph, entitled "The Simplicity of Christianity: A Clive Staples Lewis Perspective", aims to discuss how Christianity is clearly and simply available to all. However, due to culture, barriers to its reach are built. In the course of this paper, we will briefly explain the perception of right and wrong for humanity - a moral law that is commanded by a moral legislator concerned with human conduct. In contrast to dualism and materialism, Christian theism declares that God created a good world, but because of the distortion of goodness, evil arose. Thus, Christianity declares to people that they must repent of their evil deeds and surrender their whole ego to Christ, so that He can mold it. Thus, molded in Christ, a new kind of human being arises with a new life. This new life that begins with Him is put within us. This work was accomplished through reading of scientific articles and bibliographical reviews of the author who summarizes the subject.

Keywords: Christianity. Moral. Men. C.S. Lewis. Simplicity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 BIBLIOGRAFIA DE CLIVE STAPLES LEWIS.....	8
3 LEI NATURAL: CERTO E ERRADO.....	10
4 EM QUE ACREDITAM OS CRISTÃOS	14
5 CONDUTA CRISTÃ	18
6 DOCTRINA DA TRINDADE.....	21
7 MÉTODOS.....	24
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Clive Staples Lewis foi um escritor do século XX que deixou vários clássicos que traduzem conceitos filosóficos e cristãos. Seus livros são apologéticos da fé cristã e teologia, capazes de tocar o mais profundo do ser. Suas literaturas tratam de assuntos pertinentes como moralidade, perdão, pecado, fé, trindade dentre outros. Muito foi escrito a partir do pensamento de Lewis sobre o cristianismo, mas longe de exaurir o assunto. Assim, torna-se oportuna mais esta pesquisa que acompanhe o autor nessa exploração da cosmovisão cristã.

Este trabalho abordará a simplicidade do cristianismo na perspectiva de Clive Staples Lewis, que confirma que o cristianismo está ao alcance de todos, porém nem todos o compreendem. Vivemos numa cultura que não é apenas cristã, mas que investe em barreiras para nos impedir de compreender a fé cristã pelo que ela realmente é: um caminho de verdade para a vida. Esta cultura nos assola por informações e barreiras, contrárias à cosmovisão cristã. O cristão, se vê sem direção em sua fé pois, suas bases teológicas por vezes, não são profundas o suficiente, levando-o à intimidação na exposição de um cristianismo que até a ele se mostra complexo. Por décadas, e ainda hoje, o cristianismo é rejeitado no mundo, tanto quanto a outros sistemas de crenças, e, uma das formas de rejeitar o cristianismo ou a fé é associá-la com o que há de pior no homem.

O tema tem a intenção de instigar o intelecto à reflexão e o debate sobre o Cristianismo; incentivar pessoas a refletirem as obras de C. S. Lewis, além das Crônicas de Nárnia; encorajar pessoas a contarem uma história capaz de curar pessoas num mundo ensandecido e contribuir humildemente para o enriquecimento de futuros estudos sobre as obras de Lewis. Além disso, o tema justifica-se pela sua relevância acadêmico-teológica e carece de insistentes reflexões, pois o cristianismo puro e simples que Lewis apresenta não é uma alternativa aos credos das comunidades cristãs existentes, tampouco pode ser adotado em preferência a qualquer igreja.

Essa pesquisa tem como seguinte objetivo: apresentar de modo simples e claro assuntos complexos referentes ao cristianismo na perspectiva de Clive Staples Lewis e o tema deste trabalho surgiu a partir da seguinte indagação: Como explicar a fé cristã de forma simples e clara na perspectiva de C. S. Lewis?

Este questionamento nos remete à importância de compreender de forma eficaz o que realmente significa cristianismo, pois muitas igrejas têm o tem apresentado de forma empírica e cultural, fazendo deste um emaranhado de assuntos complexos, dificultando o entendimento do povo e levando-os a praticarem um cristianismo pouco compreensível. Porém, Lewis apresenta, em sua obra, como o cristianismo pode ser entendido de forma clara e simples.

Partindo desse pressuposto, levantam-se as seguintes hipóteses: que a simplicidade, pureza e clareza do cristianismo, evidenciado a partir da Bíblia e da argumentação apresentada por Lewis, encoraja pessoas a contarem uma história capaz de curar pessoas num mundo alienado. Traz entendimento de assuntos referentes ao cristianismo, instigando tanto a alma quanto o intelecto à reflexão e debate.

2 BIBLIOGRAFIA DE CLIVE STAPLES LEWIS

Clive Staples Lewis, nascido em 1898, em Belfast, na Irlanda, teve uma infância "monótona", em se comparando com as crianças de seu tempo, pois passava longas horas desenhando e escrevendo. Gostava de "animais vestidos" e histórias de cavaleiros. Os pais de Lewis eram protestantes de Ulster e ele cresceu sendo levado à igreja todos os domingos. Para Lewis a igreja era desmotivadora, pois os ensinamentos eram pouco praticados. Aliás, seus pais eram pouco praticantes na obra. Além disso, Lewis achava os serviços oferecidos à comunidade pela igreja pouco inspiradores e seus pais eram cristãos de aparência: mais uma declaração política do que uma declaração de fé. Assim, essa experiência com a igreja e seus pais formaram em Lewis uma aversão ao cristianismo que durou até a idade adulta.

Lewis foi ateu durante muito tempo, mas com 31 anos converteu-se ao cristianismo e se tornou membro da Igreja Anglicana. Durante a II Guerra Mundial, suas palestras eram transmitidas pela BBC de Londres, sendo chamado "apóstolo dos célticos", especialmente nos Estados Unidos. Foi professor e tutor de literatura inglesa em Oxford até 1954, quando foi unanimemente eleito para a cadeira de Inglês Medieval e Renascentista de Cambridge, posição que manteve até a aposentadoria. Lewis escreveu mais de 30 livros que permitiram alcançar um vasto público. (LEWIS, 2017).

A conversão de Lewis ao cristianismo não foi uma experiência repentina. Ele sempre alegou que era lógico e racional, não emocional. Suas influências foram, como sempre, livros e alguns amigos próximos. Inspirado por sua leitura, a filosofia pessoal de Lewis vinha se aproximando lentamente do teísmo (crença em um deus) sob outro nome: ele passou a acreditar em um espírito universal sem ainda chamá-lo de Deus. Ele sabia que a sua posição era confusa. No livro surpreendido pela alegria, ele compara esse processo a ser caçado por um Deus, ou mesmo sendo derrotado por ele em um jogo de xadrez.

Lewis teve vários amigos cristãos em Oxford, incluído Hugo Dyson e o Católico J. R. R. Tolkien, com quem ele frequentemente argumentou filosofia e religião. Uma observação casual de outro conhecido T. D. Weldon, levou Lewis a pensar o que ele ainda chamava de "mito cristão": Weldon, conhecido por seu cinismo, achava que a evidência da vida e ressurreição de Jesus era extraordinariamente boa. Lewis leu os evangelhos e ficou impressionado com o pensamento de que eles não soavam como ficção: os escritores pareciam pouco imaginativos para ter inventado a coisa toda; os evangelhos são mais relatos do que histórias. Em setembro de 1931, Lewis, Dyson e Tolkien deram um passeio noturno e começaram uma conversa sobre o mito, eles andaram e conversaram até de manhã. Tolkien

convenceu Lewis de que os mitos eram o caminho de Deus para preparar o terreno para a história cristã. As histórias de ressurreição ao lado da história foram precursoras da verdadeira ressurreição de Jesus: o cristianismo foi a conclusão de toda a mitologia anterior. A contribuição de Dyson foi para mostrar a Lewis como o cristianismo funcionou para o crente, libertando-o de seus pecados e ajudando-os a se tornarem pessoas melhores. Seus argumentos restantes estavam demolidos, o estágio final da conversão de Lewis ocorreu três dias depois. Lewis escreveu um livro chamado o Regresso do Peregrino que contava a história de sua conversão de forma alegórica. Lewis também percebeu que suas antigas experiências de “alegria” haviam sido indicadores, de que ele foi feito para o outro mundo. Ele agora os reinterpretava com anseio pelo céu, por Deus. Ele sentiu alegria de novo muitas vezes em sua vida, mas não atribuiu mais as mesmas experiências. Foi depois de sua conversão que Lewis começou a escrever seus livros apologéticos cristãos. (BBC, 2019).

Um de seus livros apologético foi Cristianismo Puro e Simples, adaptado de uma série de conversas de rádio levadas ao ar pela BBC entre 1941 e 1944, quando Lewis estava em Oxford, durante a II Guerra Mundial. As transcrições foram originalmente publicadas como panfletos separados. Nesta obra (Cristianismo puro e simples) e em seus demais livros, Lewis enfatiza e expõem com clareza questões relacionadas ao pecado e graça, assuntos que são de muita discussão, e acabam tornando-se simplificado através de um assunto: Cristianismo

Com 64 anos, depois de várias complicações de saúde, faleceu com estágio final de insuficiência renal no dia 22 de novembro de 1963, Oxônia, Reino Unido.

3 LEI NATURAL: CERTO E ERRADO

Todo ser humano nasce com uma lei moral, ou lei da natureza humana em que é peculiar ao ser humano. Essa lei moral não se compartilha com outros seres que não seja da espécie humana e não precisa ser ensinada por outros. São leis que justificam o comportamento moral e ações humanas e fornecem razões para justificar o mesmo, ou ideias humanas de comportamentos dignos:

[...] quando pensadores antigos chamaram a lei do certo e errado de Lei Natural, na verdade estavam referindo-se à lei da natureza humana. A ideia era que, da mesma forma que todos os corpos são governados pela lei da gravidade e os organismos por lei biológicas, a criatura chamada ser humano também tem a sua lei - com uma grande diferença: o corpo não pode escolher obedecer ou não à lei da gravidade, ao passo que uma pessoa pode escolher se obedece ou não à Lei da Natureza humana. (LEWIS, 2017, p. 31).

Algumas pessoas consideram como sem fundamento a lei moral ou do comportamento digno, conhecida de todos os homens, porque as diversas civilizações e os povos das várias épocas erigiam doutrinas morais muito diferentes. Mas isso não é verdade, está certo que há diferenças entre as suas moralidades, mas nunca chegaram a se configurar como uma diferença total. Se alguém desse o trabalho de comparar o ensinamento moral dos antigos egípcios, dos babilônicos, dos hindus, dos chineses, dos gregos e dos romanos, ficaria de fato impressionado com a semelhança que tem entre si e também a relação ao nosso ensinamento moral. Imagine um país em que as pessoas fossem admiradas por fugir da batalha ou em que uma pessoa se orgulhasse de ter enganado todas aquelas que foram legais com ela. Seria o mesmo que tentar imaginar um país em que dois mais dois são iguais a cinco. Há discordância sobre as pessoas com quem você deve ser altruísta – se é apenas com a sua própria família, com seus conterrâneos, ou com todo mundo. Mas é de comum acordo que você nunca deve se colocar acima dos outros, uma vez que o egoísmo jamais foi algo que causasse admiração. As pessoas divergem quanto a se alguém deve ter uma única esposa ou quatro, mas sempre concordam que alguém não pode simplesmente ter qualquer mulher que desejasse. (LEWIS, 2017).

No que se refere à lei natural, há pelo menos dois modos de compreendê-la, que não são idênticos, porém não se excluem. O primeiro modo se refere ao direito natural e a sua relação com o direito positivo. A segunda abordagem concebe a lei natural como um princípio para ação e para justificação moral. Nesse último sentido, a lei natural seria compreendida como um conjunto de princípios morais que conduzem à ação e que fornece razões para a justificação da mesma. (SILVA, 2015, p.188).

O interessante é que, mesmo que encontremos pessoas que dizem não haver um certo ou errado ou lei natural, essa mesma pessoa, após quebrarmos uma promessa com ela, em algum momento vai contradizer-se em suas falas, dizendo: “isso não é justo, por que você fez isso?”. Isso significa que ela está apelando para um tipo de padrão de comportamento ou regra de conduta que espera que o outro conheça. Se ela não acreditasse no comportamento digno, lei natural ou certo e errado, por que ficaria tão preocupada em questionar o outro por não ter se comportado de maneira digna? A verdade é que acreditamos tanto – sentimos a regra da lei nos pressionando de tal forma -, que não conseguimos encarar o fato de que estamos quebrando-a e, conseqüentemente, tentando fugir da responsabilidade. (LEWIS, 2017).

A lei moral, algumas vezes pode ser comparada com instinto, anseio ou forte desejo de agir de determinada maneira, mas é bem diferente do que sentir, envolve uma obrigação naquilo que corresponde ao correto.

[...] Outra forma de se reconhecer que a lei moral não se reduz a um dos nossos instintos é a seguinte: sempre que dois instintos estão em conflito e não há nada na mente de uma criatura além disso, obviamente o mais forte dos dois prevalecerá. Todavia, nos momentos em que estamos mais conscientes da Lei Moral, normalmente parece que ele recomenda que optemos pelo lado mais fraco dos dois impulsos. Você provavelmente deseja ficar em segurança mais do que deseja ajudar uma pessoa que esteja afogando, mas a Lei Moral lhe diz para ajuda-la assim mesmo, e certamente muitas vezes nos diz para tentar tornar o impulso mais forte do que era naturalmente. Ou seja, muitas vezes sentimos que é nosso dever estimular o instinto gregário, despertando nossa imaginação e provocando nossa comiseração e assim por diante, a fim de termos força para fazer a coisa certa. (LEWIS, 2017, p. 37-38).

Portanto, por mais que tentássemos fugir dessa lei moral que nos indica o certo e o errado, não conseguiríamos nos desvencilhar dela. Lewis compara a lei moral com a lei da gravidade. Ela não é mera fantasia, ou algo que desejássemos que a sociedade fizesse para nossa conveniência pessoal, mas sim algo real, verdadeiro, que nenhum ser humano construiu, e que, assim como a lei da gravidade, exerce uma pressão sobre nós. Lewis também fala dessa moralidade em um dos seus livros descrevendo-a como “o Tao”, em que é uma realidade que vai além das situações, uma trilha em que todo homem deve seguir:

Passarei me referir a essa concepção, em todas as suas formas – platônica, aristotélica, estoica, cristã e oriental -, simplesmente como “o Tao”. Alguns dos exemplos podem parecer para muitos, meramente exóticas ou mesmo mágicas, mas o que é comum a todos e algo que não podemos negligenciar é a doutrina do valor objetivo, a convicção, atitudes são realmente verdadeiras, e outras realmente falsas, ao que é o universo e do que somos. Aqueles que conhecem o Tao podem sustentar que chamar uma criança de adoráveis ou os

velinhos veneráveis não significa registrar um fato psicológico sobre nossas momentâneas emoções paternas ou filiais, mas reconhecer uma qualidade que exige de nós uma certa resposta quer a demos, quer não. (LEWIS, 2017, p. 24).

O ser humano sempre quis conhecer o universo e sem nenhum motivo em especial, saber o que há por trás dele e o que o faz ser o que é. Nunca houve observação que comprovasse o que há por detrás da grandiosidade do universo. Os fatos que revelam o que o universo é se dão de lado de dentro dele, pois nenhuma observação dos fatos externos pode identificá-los, mas o único caso em que conseguimos conhecer pelo lado de dentro e pelo lado de fora é nós mesmos, é o ser humano (LEWIS, 2017). Neste caso temos, por assim dizer, informações internas; nós o conhecemos por dentro e isto nos permite saber se há algo mais. “Quando faço isso, especialmente quando abro esse ser humano particular chamado Eu, descubro que não existo por mim mesmo, que estou debaixo da lei, que alguém ou alguma coisa deseja que eu me comporte de certa maneira.” (LEWIS, 2017, p.56).

Podemos dizer que existe um alguém ou alguma coisa que está por trás da Lei moral, que colocou em nossas mentes, informações internas sobre o certo e errado, uma lei implacável, que nos diz o que deve ser feito, mesmo quão doloroso isso seja. “Por esse motivo, sabemos que as pessoas estão debaixo de uma lei moral que não foi criada por elas e que não conseguem esquecer, mesmo que tentem, e a qual sabem que devem obedecer”. (LEWIS, 2017, p. 54).

Mediante o pensamento de Lewis, temos motivos para nos sentirmos incomodados, pois a lei moral é algo que está além do universo material. Ela não é um aspecto tirado de uma religião, da Bíblia, ou das igrejas, mas sim, algo que alguém incutiu em nós. Para isso, Lewis dá: “duas pequenas pistas sobre esse Alguém, e uma delas é o universo que ele criou, a outra pista é a Lei Moral que ele pôs em nossas mentes. Esta prova é melhor do que a outra, pois trata de uma informação interna e de fácil percepção por qualquer pessoa, ou seja, ao olhar para a beleza e grandiosidade do universo, eu percebo que tudo isso só pode existir se de fato alguém o criou. Porém, isso só passa de percepção. Já a lei moral, ou lei do certo e errado, incutida em nós, traz informações mais precisas de quem é esse Alguém. Podemos dizer, então, que esse alguém também tem uma moral, visto que ele mesmo nos colocou algo que não poderia contradizer sua própria moral e desse modo, passamos a conhecer um pouco mais desse alguém a partir dessa lei moral (LEWIS, 2017).

Podemos descobrir mais de Deus a partir da Lei Moral incutida em nós, do que a partir do universo em geral que ele criou. Podemos então dizer que o Ser que está por trás do universo, é um Ser altruísta e que está interessado em condutas certas de honestidade. Podemos também

concluir que a Lei Moral vai contra o que dizem as religiões, que Deus é bom. Essa lei é justa e implacável. Ela diz o que deve ser feito por mais doloroso que seja, e se, o universo é governado por uma bondade absoluta, essa bondade deve detestar nossos comportamentos, pois é contrário do que é bom. Essas religiões que pregam a bondade Deus, devem repensar, pois, ou a bondade é nossa maior segurança, ou nosso maior inimigo.

Por isso, o cristianismo só começa a fazer sentido quando, começamos a compreender essa lei Moral, ou seja, quando reconhecemos que existe o certo e o errado (uma ideia curiosa de que devemos nos comportar de determinada forma e não conseguimos realmente não fazê-lo, porém, nós não nos comportamos dessa forma. Conhecemos a lei moral, mas a transgredimos):

O cristianismo diz às pessoas que devem se arrepender e promete perdão, por isso ele não tem nada a dizer (até onde sei) àquelas pessoas que acham que não têm que se arrepender e que não sentem que precisam de perdão. Somente depois que você percebe que existe uma lei moral real e um poder por trás dessa lei, e se dá conta de que violou tal lei e cometeu alguns erros contra esse poder, que o cristianismo começa a falar a sua língua. (LEWIS, 2017, p. 63).

Assim, o cristianismo explica como chegamos ao nosso estado de pecado, de depravação e de transgressão da lei e explica como Deus é a mente impessoal que rege a lei moral. Também nos conta que as condições dessa lei, que nenhum ser humano conseguiu exercer, foram exercidas pelo próprio Deus que se fez ser humano para salvar a humanidade da desaprovação de Dele.

4 EM QUE ACREDITAM OS CRISTÃOS

Os cristãos, necessariamente, não pensam que todas as religiões estão erradas. Eles sabem que em certo ponto até mesmo as religiões mais exóticas contêm uma parcela de verdade. Pensam diferentemente do ateu, que procura de todos os meios acreditar que o ponto central das religiões é um grande erro, um conjunto de crenças, além da visão de mundo, que relacionam a humanidade com a espiritualidade e valores morais. Ser cristão também é acreditar que onde o cristianismo difere das outras religiões é compreender o ponto que o cristianismo está correto e as outras religiões erradas. “É como na aritmética - há somente um resultado certo para a conta, e todos os outros estão errados, mas alguns dos resultados errados estão mais perto do certo que outros” (LEWIS, 2017, p. 67).

Na humanidade encontramos uma divisão em que alguns acreditam em deuses e Deus e outros que não acreditam em nada. Desses dois grupos, a maioria acredita em deuses e Deus e é exatamente nesse ponto que o cristianismo se alinha com a maioria. A humanidade também tem uma ideia de Deus. Este pode ser dividido de acordo com o que acreditam. Existem dois pareceres diferentes do assunto: a) o primeiro é constituído de pessoas que defendem o pensamento de que o “mal” e o “bom” dependem do ponto de vista pessoal, ou seja, é impossível entender que algo é bom em certo sentido e mau em outro e que nada poderia ser diferente. A consequência é que antes de chegarem a uma visão que esteja perto do ponto de vista do divino, essa distinção terá desaparecido completamente; b) A outra ideia é oposta em que Deus é definitivamente bom e justo, um Deus que toma partido, que ama o amor e odeia o odioso, e que deseja que comportemos de uma forma e não de outra.

A primeira visão, que pensa que Deus está além do bem e do Mal, chama-se panteísmo e a outra visão é sustentada por judeus, mulçumanos e cristãos. O panteísmo, ideia defendida pelo filósofo Hegel, acredita que Deus anima o universo assim como animamos o nosso corpo, que o universo quase chega a ser Deus, de modo que se Deus não existisse o universo tão pouco existiria, portanto tudo que se encontra no universo faz parte de Deus. (LEWIS, 2017).

A ideia cristã é diferente. Consiste em que Deus inventou e criou o universo, assim como uma pessoa que compõe uma peça musical:

O pintor não é uma pintura, e ele não morre se sua pintura é destruída. Quando você diz: “Ele pôs muito de si em sua obra”, só o que estará querendo dizer é que a beleza e o interesse que ela desperta saíram da cabeça dele. Sua habilidade não está na pintura da mesma forma que está na sua cabeça, ou mesmo em suas mãos. (LEWIS, 2017, p. 69).

A diferença dos cristãos para o panteísmo é que o panteísmo irá dizer que a miséria, o câncer e as outras catástrofes são perspectivas também divinas, fazem parte dele e, logo, inerentes a ele. Os cristãos, por sua vez, defendem a ideia de que Deus criou todas as coisas de sua própria mente, do mesmo modo como uma pessoa inventa uma história. Nessa criação, muitas coisas acabaram por dar errado – não por equívoco divino. Por isso, Deus quer que todas as coisas erradas sejam colocadas no seu devido lugar. Não como parte de si, mas como desvios ocorrentes da queda humana. (LEWIS, 2017).

Essas divergências levam a um problema controverso, pois se os cristãos acreditam que o Deus que fez o mundo é bom, porque esse mundo desandou? se acreditam que o mundo é cruel e injusto, então de onde tiraram esse senso de justiça?

Quando se compara o universo com algo cruel e injusto, como se fosse um espetáculo em que tudo estava ruim e sem sentido do início ao fim, nós esquecemos que fazemos parte desse mesmo espetáculo e reagimos de forma violenta contra ele.

Uma pessoa se sente molhada depois de cair na água porque ela não é um animal aquático; já um peixe já não se sentiria molhado. A ideia de justiça, não pode ser considerada particular, pois se o mundo é realmente injusto, quer dizer que ele não foi feito para realizar os caprichos pessoais do ser humano. Portanto, o teísmo é simplista, se o universo inteiro não tem sentido, não teríamos como descobrir que ele não tem sentido: semelhantemente, se não houvesse luz no universo e, assim, nenhuma criatura dotada de olhos, jamais saberíamos como ele é escuro. A palavra escuridão seria desprovida de sentido (LEWIS, 2017).

Alguns cristãos também têm uma visão simplista do cristianismo, em que existe um Deus bom e tudo mais está bem. O problema dessa visão é que ela deixa de lado alguns problemas pertinentes como: pecado, inferno, redenção, dentre outros. Portanto, pode-se dizer que o cristianismo não é tão simples. Lewis (2017, p. 73) nos dá um exemplo sobre esse assunto:

[...] uma vez que você tenha entendido que a terra e todos os outros planetas giram em torno do sol, esperaria naturalmente que todos os planetas tivessem sido feitos para combinar – que todos tivessem distâncias iguais entre si, por exemplo, ou distâncias que aumentassem de forma regular; ou tivessem o mesmo tamanho; ou se tornassem maiores ou menores à medida que se distanciam do sol. Na verdade, não se pode encontrar combinação ou razão nem quanto tamanho ou distância [...] geralmente é algo que você não teria imaginado, e esse é um dos motivos que acredito no cristianismo. Trata-se de uma religião que jamais teria imaginado. Se ela oferecesse apenas o tipo de universo que sempre teríamos esperado, eu teria a impressão de que ela é uma de nossas invenções. Mas, na verdade, a religião cristã não é um tipo de coisa que alguém tenha inventado, mas apresenta precisamente o tipo de mudanças que as coisas reais demonstram.

Isso quer dizer que o problema não é tão simples, em que Deus é bom e ponto, em um universo com seres humanos com consciência do mau.

Existem outras duas visões em que se pode dar conta desses fatos, com mais clareza. Uma delas é a visão cristã em que mundo se corrompeu, mas ainda tem a memória de como deveria ter sido. E a outra concepção, de alguns cristãos, é o dualismo, em que dizem existir um poder bom e outro mal, dois poderes iguais e independentes. Essa concepção torna-se frágil, pois “para ser mal, é preciso desejar coisas boas e, depois, de persegui-las de forma errada: haver a ocorrência de impulsos que foram originalmente bons para estar em condições de pervertê-los” (LEWIS, 2017, p. 77). Portanto o mal não é um parasita, e sim aquilo o que as pessoas fazem com maldade, são originalmente boas.

Deus criou o ser humano, como criaturas livres, com livre arbítrio que tem a opção de fazer o bem e o mal, mas algumas pessoas acreditam que podem escolher em fazer somente o bem, acredita que é livre para ser bom, mas se é livre para ser bom também é livre para ser mal. Deus ao nos dar o livre arbítrio, nos possibilitou ao mal, mas também é a única coisa que torna possível o amor. “Um amor-dádiva divino no ser humano o habilita a amar aquilo que não é naturalmente amável.” (LEWIS, 2017, p. 172). É claro que Deus sabia o que aconteceria se a liberdade fosse utilizada de forma errada, mas o ser humano sente-se inclinado a discordar de Deus. Lewis (2017, p. 81):

Ele é a fonte da qual vem todo o nosso poder de raciocínio: você não poderia estar certo e ele errado, da mesma forma que um riacho não pode correr no sentido contrário à sua própria nascente. Quando você está argumentando contra ele, está argumentando com o poder que permite a própria argumentação [...]. Se Deus acha que este estado de guerra do universo é um preço que vale a pena pagar pelo livre arbítrio – isto é, por criar um mundo vivo, em que as criaturas podem fazer o bem ou causar danos reais e em que algo de real importância possa acontecer, em vez de um mundo de marionetes, que só se move quando ele mexe as cordas-, então podemos supor que vale mesmo a pena pagar o preço.

Ao compreender o livre arbítrio veremos que quanto mais forte e inteligente for o ser humano, mais propício será de seguir o caminho certo, mas também pior se tornará ao seguir o caminho errado. O poder das trevas se corrompeu ao colocar si em primeiro lugar – querendo ser Deus – esse foi o pecado de satanás e ele tem ensinado a humanidade desde a queda, inventando uma felicidade fora de Deus, algo que torna-se impossível, mas não existe felicidade e paz que parta do ser humano, nós fomos feitos para funcionar a base Dele mesmo. (LEWIS, 2017).

Portanto, a ideia do cristianismo não é tão simples como parece, além de toda inteligência que Deus deu a humanidade e apesar dos contratempos, parece imaginável um Deus que se tornou homem pela humanidade, nos colocando de alguma forma em ordem com Ele e permitindo o ser humano ter um novo começo.

5 CONDUTA CRISTÃ

A ideia de moralidade, partilhada pela maioria da humanidade, significa algo que impede o ser humano de ter momentos agradáveis, uma espécie de intromissão, mas na realidade, a moral, nada mais é de que um manual de instruções da máquina humana, útil para evitar o colapso dessa máquina.

Encontra-se no vocabulário da humanidade várias palavras para se referir as regras morais. Alguns preferem se referir a ideais morais em vez de regras morais, ou idealismo moral no lugar de obediência. Infelizmente essas trocas não são algo adequado, pois corre-se o risco de pensar que a perfeição moral é um gosto pessoal, e que o restante dos homens não deveria procurá-la a realizá-la. Portanto, as regras morais não são somente subjetivas, mas um guia do certo e o errado para humanidade. “Todos os seres humanos, de quem a história ouviu falar, reconhecem algum tipo de moralidade; isto é, eles têm em relação a certas atitudes propostas o sentimento que se expressa através das palavras: ‘Devo’ ou ‘Não devo’”. (LEWIS, 1986, p. 10).

As atitudes morais, por vezes, são idealizadas em ações perfeitas que o ser humano se põe a traçar em sua conduta, um comportamento perfeito, que infelizmente torna-se inalcançável. Isso porque, a partir do momento em que essa pessoa tenta se tornar um ideal de ser humano em suas atitudes, acabará caindo em uma armadilha, tornando-se arrogante. Por fora, em suas atitudes morais, segue um idealismo, mas internamente deixou de lado sua lei moral.

Lewis faz uma ilustração sobre as condições morais do ser humano, tanto externo como interno, comparando-o com uma frota de Navios que seguem para um destino. Eles só chegarão com sucesso ao destino se os navios não colidirem no meio do caminho, mas para não colidirem uns com os outros, precisam estar em bom funcionamento, não somente externamente, mas internamente em seus motores. Portanto, para não haver um fracasso na viagem, a moralidade engloba três partes, ou três regras. A primeira, o jogo limpo e a harmonia entre os indivíduos. Segundo, o que poderia ser chamado de pôr em ordem ou harmonizar as coisas do lado de dentro de cada indivíduo e Terceiro, o propósito geral da vida humana como um todo: a nossa razão de ser: o rumo que a frota toda deveria estar tomando. (LEWIS, 2017).

O homem moderno está sempre preocupado com primeira regra, esquivando-se das outras. Tem sempre regras de comportamentos sociais, como se fosse uma lista, mas a ambição o orgulho, a covardia, o mal humor o impede de cumprir suas regras comportamentais. Isto quer dizer que, todo pensamento não passará de ilusão se não atentamos que só a coragem e a generosidade farão com que os indivíduos funcionem de forma adequada.

Parece, então, que, se formos pensar na moralidade, temos que pensar em todas as três partes: as relações entre os homens; os fatores interiores de cada pessoa; e as relações entre o homem e o poder que o criou. Podemos todos cooperar no primeiro aspecto, mas as discórdias começam no segundo e se tornam ainda mais seria no terceiro. É lidando com o terceiro aspecto que as principais diferenças entre a moralidade cristã e a não cristã se revelam. (LEWIS, 2017, p. 112).

Trataremos então no que se refere ao terceiro passo do aspecto da moralidade cristã. O passo inicial para essa moralidade entre os homens é reconhecer que Cristo não veio pregar nenhuma novidade do ponto de vista moral, sendo que a regra do novo testamento é faça com os outros o que você gostaria que fizessem com você. Essa regra não se refere à um programa político do cristianismo, ela vale a todos os seres humanos em todos os tempos e só é aprendida quando o ser humano passa a amar o próximo como a si mesmo e Deus sobre todas as coisas. O ser humano, no entanto, só aprenderá amar a Deus se aprender a obedecer-lhe. Essa obediência lhe ajudará a conhecer a moralidade humana e reconhecer um dos maiores pecados humanos. (LEWIS, 2017).

Ao falar sobre pecado, Lewis relata que o maior pecado humano é o orgulho, como se fosse um vício que é nitidamente distinto moralmente de todos os outros vícios existentes e o qual todos nós temos menos consciência. “O vício a que me refiro é o orgulho ou a presunção, e a virtude oposta a ele, na moral cristã, é chamada de Humildade” (LEWIS, 2017, p. 165).

De todos os pecados, o orgulho é o mal supremo. A bebedice, a falta de castidade, a raiva e tudo mais são pecados pequenos em comparação com o orgulho. “Foi pelo orgulho que o diabo se tornou diabo; o orgulho leva a todos os outros vícios”. (LEWIS, 2017, p.166).

O orgulho não tem prazer em ter algo, mas apenas em ter mais do que o próximo. É a comparação que faz a pessoa orgulhosa. Se eliminarmos o elemento que traz competição o orgulho também será eliminado.

Sem o mínimo vestígio do que chamamos de autoelogio, ela se regozijará inocentemente naquilo que Deus lhe permitiu ser, e o momento em que desaparecer para sempre o seu velho complexo de inferioridade sepultará também, para todo o sempre, nas profundezas, o seu orgulho. (LEWIS, 1993, p. 14).

Todo pecado que as pessoas atribuem ao egocentrismo ou a avareza, são resultados do orgulho. Pensemos no dinheiro. O ser humano quer sempre ter poder e deseja sempre ganhar mais do que tem. O orgulho aprecia o poder. O orgulho faz com que um líder político busque cada vez mais suas reivindicações. O orgulho é competitivo por natureza, portanto o homem

sempre procurará mais poder, mais dinheiro, ser o mais inteligente, porque sempre haverá outro para competir.

Os cristãos estão certos: o orgulho tem sido a causa principal da desgraça em todas as nações e todas as famílias desde a criação do mundo. Outros vícios podem, às vezes, reunir pessoas; por exemplo, você pode encontrar camaradagem e risos e gentileza em meio a pessoas bêbadas ou devassas, mas o orgulho sempre significa inimizade – ele é a inimizade em pessoa. E não apenas inimizade entre pessoas, mas inimizade para com Deus. (LEWIS, 2017, p. 168).

Infelizmente no que se refere aos cristãos, levanta-se uma questão triste, em que muitos são corroídos pelo orgulho e dizem acreditar em Deus. “Na teoria, elas admitem que não são nada na presença do seu ‘Deus-fantasma’, mas na verdade estão o tempo todo imaginando o quanto ele as aprova e as considera melhor que as pessoas comuns”. (LEWIS, 2017, p. 169). Fazem aquilo que é “correto” por orgulho, portanto sempre que a vida religiosa nos faz pensar que somos melhores que os outros, estamos sendo influenciados pelo Diabo. A prova real em que o ser humano saberá que está na presença de Deus é quando compreender que é um objeto sujo e pequeno.

Sem nenhuma mancha daquilo que agora denominamos de auto aprovação, a alma regozijara de maneira, mas inocente possível naquele propósito para qual Deus a designou, e o momento curara para que o velho complexo de inferioridade também irá afogar seu orgulho [...]. (LEWIS, 2017, p. 42-43.)

O primeiro passo para a cura deste orgulho é reconhecer a existência dele em nós, pois ele é uma doença capaz de corroer a possibilidade de bom senso a até mesmo de amor.

Quando se fala amor não se refere a nenhum tipo de emoção, estado de sentimento, mas da vontade. Quando se tem a vontade de fazer a vontade de Deus, compreenderá o que é amor, seja em relação a Deus ou aos seres humanos. A vontade de Deus é que amemos primeiro a Deus e ele nos dará sentimento de amor. “Cristo não morreu pelos homens por serem intrinsecamente dignos dessa morte, mas porque ele era intrinsecamente amor e, portanto, ama infinitamente”. (LEWIS, 2006, p. 44).

Portanto, ame ao Senhor seu Deus e ele lhe dará um sentimento de amor se assim desejar. O nosso amor se desgasta e se torna instável por conta do pecado original herdado de Adão, mas Nele somos nutridos desse amor que jorra para a eternidade, seja para nós, seja para Ele.

6 DOCTRINA DA TRINDADE

Para os cristãos a Teologia é o estudo sobre Deus. Ela é considerada como um mapa que mostra caminhos e seus diferentes destinos. Esses caminhos foram testados por várias pessoas, de diferentes épocas e lugar, e um deles leva a Deus. A teologia comprova a existência de Deus, dentre outras, através de experiências e relatos pessoais, mas assim como um mapa, não adianta somente tê-la, é necessário usufruir deste mapa. Um dos assuntos discutidos na teologia é a doutrina da trindade, mas para iniciar esse assunto, precisa-se primeiro entender o que significa criar e gerar. A humanidade crê que todos são filhos de Deus e estão ligados a Ele de alguma maneira, mas existe uma diferença entre ser filho e se tornar filho de Deus.

O ser humano é criação, mas ainda não é geração divina. Foi criado à semelhança de Deus, mas ainda não é filho, porque não foi gerado por Deus. O cristianismo afirma que o ser humano pode tornar-se filho de Deus. Em certo sentido já é filho de Deus, pois Deus ama e zela, como na paternidade. Quando a bíblia fala de se tornar filho de Deus, refere-se à vida espiritual, em que um dia o ser humano será eterno como Deus. (LEWIS, 2017).

Quando se entende como Cristo foi gerado pelo próprio Deus, começa-se então a entender a trindade. “Na dimensão de Deus, por assim dizer, você encontra um Ser que são três Pessoas, enquanto permanece sendo um Ser”. (LEWIS, 2017, p. 213). Nessa dimensão de três pessoas, a primeira se chama pai e a segunda filho. A primeira pessoa gerou e produz a segunda, e a união do pai com o filho é concreta que, em si, é uma Pessoa.

Você sabe que, entre os seres humanos que se reúnem em uma família, em um clube ou em um sindicato, as pessoas falam sobre “espírito” dessas instituições”. Elas falam sobre o seu “espírito” porque os membros individuais, quando estão juntos, realmente desenvolvem formas particulares de falar e de se comportar que eles não teriam adotado se estivessem separados. É como se uma espécie de personalidade comunal viesse à existência. É claro que não é uma pessoa real, é apenas algo parecido com uma pessoa. Mas essa é apenas uma das diferenças entre Deus e nós. O que emana de uma vida comunitária do pai e do filho é uma Pessoa real, que é, na verdade a terceira das três Pessoas que são Deus. (LEWIS, 2017, p. 229)

Essa terceira pessoa é chamada de Espírito Santo, que é amor desde a eternidade, um amor que se dá entre o Pai e o Filho. Sendo assim, não há outro caminho que conduz à felicidade para a qual fomos feitos. Caso o ser humano queira se molhar, terá que adentrar na água. Da mesma forma que se quiser alegria, paz e vida eterna tem que adentrar naquilo que os possui. O arranjo dessa vida tri pessoal deve passar dentro de cada um de nós. (LEWIS, 2017).

Este relacionamento com a trindade cultiva-se por meio de uma interação contínua com o Pai, Filho e Espírito Santo. Deus não é apenas nosso Juiz e Rei do Universo; ele é também o nosso Pai Celeste Amoroso. O filho não é somente um advogado, que intercede a nosso favor; ele é também nosso irmão e noivo. O Santo Espírito não é apenas alguma entidade distante, nebulosa; ele é o nosso consolador, que nos regenera e habita em nós e nos dá poder para mantermos uma vida de santidade continuamente crescente. À medida que o nosso relacionamento com Deus se aprofunda, nasce o fruto do amor e justiça em nossas vidas. (LEWIS; SCHAEFFER, 1968 p. 64).

A oferta completa do cristianismo é que se dedicar a Deus, significa traçar o caminho para ele, dar-se o direito de participar da vida de Cristo e então partilhar uma vida gerada, que não foi criada e existirá para todo sempre. O ser humano tornar-se-á filho de Deus e o Espírito Santo surgirá nele, por isso quando a pessoa aceita o cristianismo autêntico, a ideia de moralidade ou comportamento digno deve ser entregue a Cristo. Desse modo, a pessoa renuncia seu ego natural, e a vontade do Espírito Santo manifestará na pessoa, tornando-o um pequeno Cristo. “O filho de Deus tornou-se homem para possibilitar que os homens se tornem filhos de Deus”. (LEWIS, 2017, p. 232).

A segunda pessoa em Deus tornou-se homem para permitir que os homens se tornem filho de Deus. O Ser eterno que criou o universo, tornou-se bebe, e, antes disso um feto dentro do corpo de uma mulher.

Num perfeito movimento cíclico, o ser, o poder e a alegria, desciam de Deus para o homem na forma de amor obediente e adoração extática: e neste sentido, embora não em todos, o homem era então verdadeiramente o filho de Deus, o protótipo de Cristo, representando perfeitamente na alegria e relaxamento de todas as faculdades e sentidos aquela rendição filial que Nosso Senhor representou nas agonias da crucificação. (LEWIS, 1968, p. 38).

Cristo fez-se homem, em que a vida criada passou a ser a vida gerada, para que a humanidade passasse a partilhar de sua vida, tanto para os que vieram depois dele como os que vieram antes dele. Portanto, o Deus tripessoal vê no ser humano um animal egocêntrico, ganancioso e rebelde. É como se fosse um faz de contas, que em vez de Deus tratar-nos como meras criaturas, trata-nos como filhos, igualmente como o Cristo, visto que é ser humano, já que o filho se tornou homem. Deus olha-nos como se fossemos pequenos Cristos, para uma verdadeira transformação. (LEWIS, 2017).

Ouso dizer que a ideia do faz de conta divino soa bem estranha no começo, mas será que realmente tão estranha? Não é sempre assim que as coisas superiores alcançam as inferiores? Uma mãe ensina o seu bebê a falar falando com ele, como se ele entendesse, muito antes de ele realmente o fazer.

Tratamos nossos cachorros como se eles fossem ‘quase humanos’, e é nisto que acaba se tornando no final. (LEWIS, 2017, p. 249).

A tarefa então é de revestir-se de Cristo ou vestir-se de filho de Deus, para torna-se verdadeiramente filho, um resumo de todo cristianismo, e é exatamente isso que o cristianismo oferece.

A ideia geral que se tem antes de se tornar um cristão é que se toma o ser comum, com seus próprios desejos e interesses, como o ponto inicial. Depois admitem que algo mais, que se chama de moralidade ou comportamento digno ou o bem da sociedade, tenha poderes sobre esse ser, que interferem nos desejos, ou seja, se consideram boas pessoas porque cedem a esses “poderes”. Mas há coisas que o ser comum deseja fazer e que acabam revelando-se erradas, tendo que abrir mão dela. Outras coisas que o nosso ser não deseja fazer, acaba se revelando a coisa certa a se fazer. Porém, espera-se que quando todas as demandas forem alcançadas, o pobre ego natural tenha alguma chance e algum tempo para dar continuidade à sua própria vida e fazer o que bem entende. É bem parecido com uma pessoa que paga seus impostos, na esperança que vá sobrar dinheiro suficiente para viver. Isso porque ainda o ego é o ponto de partida. Se a ideia do ser é satisfazer o ego natural, então isso quer dizer que se tornará extremamente infeliz. O estilo cristão é diferente. Cristo quer tudo, não uma parcela do seu tempo, não quer atormentar seu ego natural, mas sim matá-lo. O cristianismo é mais difícil e mais fácil, pois o próprio Cristo descreve o estilo de vida cristã como difícil demais e as vezes fácil demais; Ele diz: “tome a sua cruz” - ou seja, é como ser espancado em campo de concentração até a morte. No minuto seguinte ele diz: “pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve”. Cristo se refere as duas coisas ao mesmo tempo, e podemos ver que ambas as afirmações são verdadeiras. (LEWIS, 2017).

Portanto, quanto mais abrimos mão de nós mesmos e deixarmos Cristo assumir o controle, mais verdadeiramente tornaremos nós mesmos. Seremos pequenos Cristos, pois fomos criados para sê-lo. Nesse sentido, nosso verdadeiro eu estará esperando completamente Nele.

Mas é preciso que haja uma entrega real de todo Eu, todo orgulho e ideias morais, e assim Cristo irá dar uma personalidade real, pois por si só o ser humano encontrará solidão, ódio, desespero, ruína e decadência, mas em Cristo encontrará uma personalidade real.

7 MÉTODOS

Essa pesquisa parte do método bibliográfico. Recorrerá a livros, hipertextos e artigos científicos sobre o assunto apresentado no tema. Terá como referencial teórico os textos, como artigos e livros, de C.S. Lewis em língua portuguesa.

Clive Staples Lewis (1898-1963), mais conhecido como C.S. Lewis, foi um escritor irlandês, que se destacou por seus trabalhos sobre literatura medieval, por suas palestras e escritos cristãos, especialmente a série de livros "As Crônicas de Nárnia". Estudou na University College de Oxford.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, percebe-se com o cristianismo não restringe apenas a um grupo de pessoas, está ao alcance todos. Lewis, como ex-ateu, trabalha em suas literaturas, principalmente no livro cristianismo puro e simples, questões que fazem entender o Cristiano de forma racional e plausível, entender sua essência, enquanto filosofia de vida, enquanto fé cristã e crenças.

Tendo em vista o caminho feito nesta pesquisa, chegamos às seguintes conclusões:

Primeiramente, todo ser humano tem uma lei moral, intrínseca, que converge naquilo que deve ser realizado perante a sociedade e até mesmo consigo mesmo. Essa informação interna que todo ser humano tem, faz refletir que existe um Ser que está interessado na conduta certa, na coragem, na fé e no altruísmo.

Hoje, muitos acreditam que o bem e o mal são duas coisas que têm o mesmo valor, que são forças que batalham pela supremacia. No cristianismo não existe dualismo entre o bem e o mal. A existência do bem é diferente do mal. Deus ama a bondade e por meio Dele somos bons.

A moral, como forma de conduzir os indivíduos a não entrarem em colisão entre si, ou com suas construções internas de cada um sobre o tema, precisa discernir criteriosamente sobre seus valores. Uma coisa pode ser errada moralmente mesmo que não faça mal a ninguém, pois não basta somente seguir regras. Se o indivíduo não tem o desejo de fazer o bem, de nada vale seus feitos. O cristianismo muda a forma de relacionamento das pessoas.

Finalmente, o cristianismo diz às pessoas que elas devem se arrepender para ter perdão, e depois que se percebe a lei moral e dá conta como cometeu erros contra essa lei, e da condição desesperadora que se encontram, então o cristianismo é capaz de mudar essa condição por meio de Cristo. Para isso, no entanto, somente Deus poderá mudar a pessoa e ser a mente impessoal por trás do convertido.

Apesar de existirem as condutas morais, que o ser humano tenta por si só cumprí-las, infelizmente não conseguirá fazê-lo sozinho. Ele não consegue ser bom, precisa que Cristo acabe com o seu ego humano, e a medida que ocorre essa intimidade com Ele, tornamo-nos cada vez mais parecido com Jesus, tornamos pequenos Cristo.

Enfim, propositalmente, este trabalho deixou de responder a muitas outras perguntas, que certamente têm ressonância no assunto tratado, na tessitura desta pesquisa. Outras perguntas emergiram durante a sua realização. Isso implica que o esforço continua em outras empreitadas. Pretende-se incursionar ainda no tema “a simplicidade do cristianismo”.

REFERÊNCIAS

LEWIS, C. S. **A Abolição do Homem**. São Paulo: Thomas Nelson, 2017.

LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Thomas Nelson, 2017.

LEWIS, C. S. **Miracles**. São Paulo: Vida, 2006.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. São Paulo: Thomas Nelson, 2017.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. São Paulo: Vida, 1986.

LEWIS, C. S. **O Peso da Gloria**. São Paulo: Thomas Nelson, 20017.

LEWIS, C. S. **Peso da Gloria: mensagem para homens modernos**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edição Vida Nova, 1993.

LEWIS, C.S; SCHAEFFER, F. **Lições para o século vinte e um, dos mais influentes apologetas da atualidade**. Tradução de Alessandro. Estados Unidos da América: Intervarsity Press, 1998.

SILVA, Lucas Duarte. **A lei natural em Tomás de Aquino: princípio moral para a Ação**. 2015.

BBC: British Broadcasting Corporation. Disponível em <https://www.bbc.co.uk/religion/religions/christianity/people/cslewis_1.shtml>. Acesso em: 05 de out. 2019.

Autorizamos cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica do autor. Autorizo também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional.

Cilene dos Santos Souza Silva

Josiel Canuto Silva

Pindamonhangaba, 17 dezembro de 2019.